

Kenny, garôto de 13 anos, é apenas um dentre os muitos jovens “incapacitados para aprender”. Ninguém pode dizer aos seus pais até que ponto êle poderá chegar; êles só sabem até que ponto êle já chegou

Triunfo Para Kenny

IRVING R. DICKMAN

MEU FILHO Kenny e eu estávamos descendo do tablado para ocupar os nossos lugares na congregação, quando êle parou. O *bar mitzvah* estava longe do fim; Kenny havia terminado a sua parte do serviço, mas as orações do sábadó continuavam. Completamente alheio a tudo, Kenny levantou o rosto para mim e, num cochicho que pôde ser ouvido até ao fundo do santuário, disse: “Bem, pelo menos sobrevivi”, e sorriu.

Apesar da solenidade do momento, não pude deixar de retribuir o sorriso. Depois, porém, quando Kenny e eu nos sentamos perto de Miriam, minha mulher, e dos nossos dois filhos mais velhos, chorei.

No judaísmo, a cerimônia do *bar mitzvah* marca a despedida de um jovem da infância ao completar 13 anos. No nosso templo, o oficiante do *bar mitzvah* dirige realmente as cerimônias do sábadó durante mais de uma hora em lugar do rabino, e termina com um discurso escrito por

êle mesmo. Por sua própria iniciativa, Kenny havia decorado grande parte da cerimônia . . . e saíra-se brilhantemente.

Mas as nossas lágrimas—as de Miriam e as minhas—não eram tanto de orgulho como de recordação: recordação de quando Kenny tinha sete meses de idade, e uma equipe de pediatras havia pronunciado o seguinte julgamento:

—Não há garantia de que êste bebê algum dia fique de pé, caminhe, ou fale. Na verdade, pode ser que êle nunca seja mais do que um vegetal. Talvez fôsse melhor pensarem em interná-lo imediatamente.

—Mas não há nada que possamos fazer por êle?—perguntamos.

—A única coisa que podem fazer é ir para casa e gozar a companhia de seus dois filhos normais. Se quiserem, podemos marcar uma consulta para os senhores com a assistente social da clínica, para que ela possa mostrar-lhes como aceitar o fato e tomar providências.

É claro que procuramos ouvir outras opiniões. Mas o pediatra altamente recomendado a quem levamos Kenny um mês depois deu praticamente o mesmo veredicto: Kenny sofria de uma forma de paralisia cerebral, e nunca poderia desenvolver-se como uma criança normal.

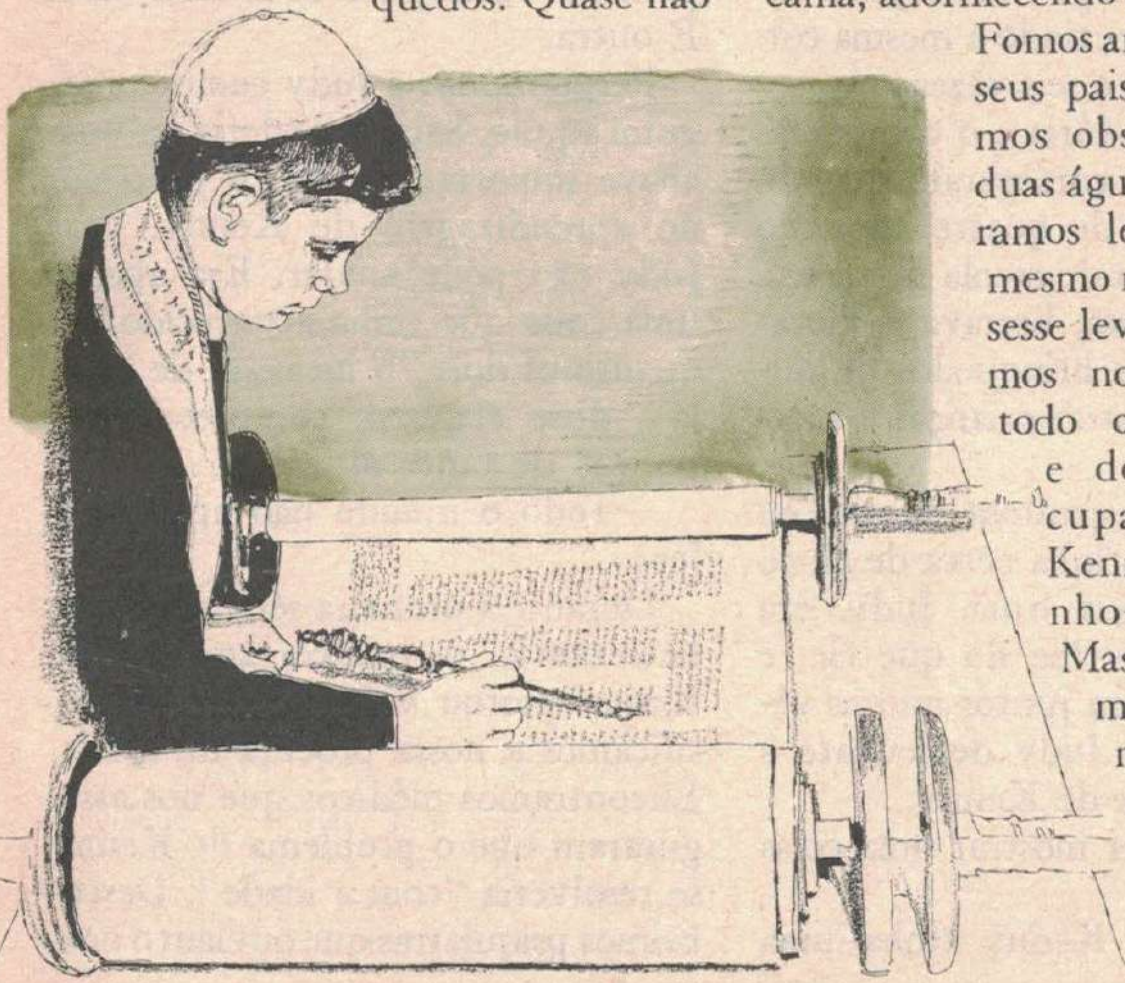
Em todos os 13 anos de vida de Kenny, os quatro meses seguintes foram o único período de desespero total. Kenny nunca tentou engatinhar, sentar-se ou ficar de pé. Mesmo quando estava escorado em sua cadeira alta, êle tombava para o lado—sem mudar de expressão, como se não percebesse sequer que estava caindo. Quase não fazia os ruídos próprios dos bebês e raramente brincava com seus brinquedos. Quase não

fazia outra coisa senão chorar. Chorava horas a fio—fôsse o que fôsse que se fizesse por êle.

Então, quando estava com quase um ano de idade, veio a nossa primeira esperança.

Tínhamos alugado um bangalô no campo para passar o verão. Uma noite, perguntamos à mulher do bangalô vizinho se se incomodaria de tomar conta dos nossos filhos, todos já deitados, enquanto íamos a uma loja apanhar algo que tínhamos esquecido. Quando voltamos, nossa vizinha disse-nos que estava tudo “muito bem, agora”. Mas logo depois que saíramos, disse ela, o bebê se levantara no berço, gritando. Ela não conseguira fazê-lo parar, mas aos poucos êle se esgotara e deslizara para a cama, adormecendo profundamente.

Fomos amáveis. Mas nós, seus pais—que o vínhamos observando como duas águias—nunca o víramos levantar-se, nem mesmo mostrar que quisesse levantar-se. Pensamos no caso durante todo o dia seguinte, e de noite, preocupados, pusemos Kenny no seu bercinho—e esperamos. Mas não muito. Em menos de um minuto, êle se arrastou de barriga até às grades do berço. Segurou-as e



ergueu-se até ficar em pé. E ali ficou, berrando indignado.

Finalmente, alguma coisa tinha acontecido: Kenny poderia não ser ainda uma criança perfeita, mas *não era* um vegetal. Apesar disso, não conseguimos obter um diagnóstico médico com mais informação do que a da primeira equipe de pediatras. O médico da nossa família, quando voltamos a êle, conseguira dizer apenas o seguinte: "Vocês dois vão ter de ser assistentes sociais neste caso—pelo menos até que a Medicina alcance vocês." Nós tentávamos, mas éramos lamentavelmente ineptos.

Com pouco mais de um ano Kenny estava andando. Nessa época êle se metia em tôda parte e em tudo; estava sempre se mexendo, nunca parava. Pouco depois começou a falar—às vêzes repetindo a mesma coisa quatro, cinco e seis vêzes.

Os acessos de fúria e o comportamento violento começaram quando êle tinha cêrca de quatro anos, no seu segundo ano de escola maternal. Aí Kenny gritava, berrava e chorava; quebrava os brinquedos de raiva; batia nas outras crianças e moradia-as.

Uma coisa espantosa aconteceu quando Kenny tinha cêrca de cinco anos e meio. Sua irmã, Judy, era três anos mais velha do que êle, e os dois brincavam juntos muitas vêzes. Uma noite Judy desceu até à cozinha, seguida de Kenny.

—Kenny quer mostrar uma coisa—disse ela.

Na sua mão Kenny tinha uma

velha cartilha da primeira série primária. Abriu-a na primeira página, e começou a dizer as palavras.

—Que é que êle fêz, decorou o livro todo?—indaguei, rindo.

Judy ficou indignada.

—Não, êle sabe ler—afirmou ela.

Kenny aproximou-se de mim como implorando:

—Eu leio mesmo, papai. Eu leio mesmo.

Miriam e eu nos lembramos da emoção daquele momento. Propositadamente não tínhamos tentado ensinar Kenny a ler, com mêdo de sobrecarregar os seus circuitos mentais. Tampouco tínhamos idéia de que Judy o estivesse tentando. Lembrome de apanhar um jornal e de procurar uma palavra simples. Apontei para ela. Kenny leu-a. E mais uma. E outra.

Perguntamos a Judy como conseguira aquilo. Sabê-lo poderia ser uma chave importante para os processos de aprendizagem de Kenny. Mas Judy não pôde ajudar. Era apenas uma coisa que tinha acontecido enquanto os dois "brincavam de escola", disse ela, sem compreender o porquê de tanto alvoroço.

—Todo o mundo não aprende a ler?

Durante a primeira série primária, entretanto, o comportamento de Kenny piorou visivelmente. Intensificamos a nossa procura de ajuda. Encontramos médicos que nos asseguraram que o problema de Kenny se resolveria "com a idade". Descobrimos psiquiatras que ouviam o nos-

so caso e imediatamente começavam a tratar de Miriam e de mim—às vezes sem sequer examinar Kenny. Mas, com o tempo, na Clínica Psicológica da Universidade de Rutgers, o caso de Kenny recebeu um diagnóstico preciso. Êle tinha uma “lesão cerebral”, disseram-nos, sofrida provavelmente na hora do parto. Em resultado disso, sofria de “incapacidade de aprender”.

Partindo daí, começamos a encontrar pessoas que pareciam saber o que êsse diagnóstico significava e como ajudar. Hoje é difícil compreender quanto nos sentíamos sós durante aquêles anos em que não sabíamos o que Kenny era—só o que êle não era. Soubemos então que havia muitos outros pais que também estavam descobrindo que seus filhos não eram realmente retardados, nem emocionalmente perturbados, nem autistas, não sofriam de paralisia cerebral, nem eram epilépticos.

Mas então que *eram* essas crianças? Poder-se-ia descrever uma criança assim como “deficiente em leitura”—ou em soletrar, escrever ou fazer contas. Ou poderia ter “má coordenação”, ou ser “desorientada no espaço”; ser “fácilmente perturbável, impulsiva, hiperativa”; “confusa em sua linguagem ou em sua fala”. Ou então: “Êle não consegue compreender o que se lhe diz; freqüentemente pode tornar-se ansioso ou zangado porque não dá conta das exigências do colégio, ou das situações sociais; geralmente esquecido, habitualmente desatento.”*

Talvez as palavras mais importantes para ajudar a identificar crianças como estas sejam os muitos “ou”. Raramente um jovem terá problemas em todos êsses setores; na verdade, um indício elementar para reconhecer uma criança assim reside numa visível falta de harmonia no seu desenvolvimento. Há muitas crianças com incapacidade de aprender que funcionam perfeitamente em um setor, mas são visivelmente atrasadas em outros. Não seguem um desenvolvimento harmônico.

Kenny, por exemplo, aprendeu a calcular mentalmente as médias de batidas de beisebol. Mas levou semanas para aprender a fazer, no papel, uma divisão de vários algarismos. Distraía-se com a maior facilidade: depois de cinco minutos fazendo seus deveres, abandonava-os—mas muitas vezes passava até cinco horas sozinho encestando bolas. Levou menos de seis meses para aprender a escrever à máquina, com velocidade e perfeição razoáveis, e mais de dois anos para aprender a amarrar os cordões dos sapatos.

Ê por sintomas como êstes e também pelo comportamento incoerente que um número crescente de crianças com incapacidade de aprender estão hoje sendo identificadas. Médicos, pediatras, neurologistas e psicólogos reconhecem aproximadamente 100 sintomas reveladores dêsse es-

* Estas descrições constam de um folheto publicado pela Association for Children with Learning Disabilities, 2200 Brownsville Road, Pittsburgh, Pensilvânia 15201, E.U.A.

tado. Os professôres, até mesmo os de jardim da infância, estão começando a prestar maior atenção aos que "aprendem devagar", aos que "realizam menos que o normal" e às "crianças-problemas".

Miriam e eu estamos vendo agora novos métodos e novas técnicas aplicados a Kenny. Graças à colaboração estreita do conselheiro dêle com o nosso sistema escolar, por exemplo, Kenny ainda está freqüentando as aulas normais no colégio. Enquanto isso, é pelo menos em parte pelo fato de seu potencial ser ainda tão imprevisível que nós damos tanto valor às alegrias que os pais de crianças "normais" nunca têm. Existe, para nós, como para os pais de tôdas as crianças incapacitadas, a seguinte compensação: o feito mais simples, a atividade mais comum, que os pais dos jovens "normais" observam apenas de passagem, torna-se um importante motivo para comemoração.

Miriam e eu temos falado francamente com os nossos filhos mais velhos, Scott e Judy, sôbre a possibilidade de algum dia êles terem de cuidar de Kenny. Expomos o fato simplesmente: não sabemos até que ponto Kenny poderá progredir; no momento sabemos apenas do progresso que êle já fêz.

Saberá Kenny a distância que já percorreu? Descobrimos isso—até certo ponto—por sua oração no *bar mitzvah*. Êle usou Gênesis 49 como ponto de partida, quando, naquele dia, se levantou diante da congregação:

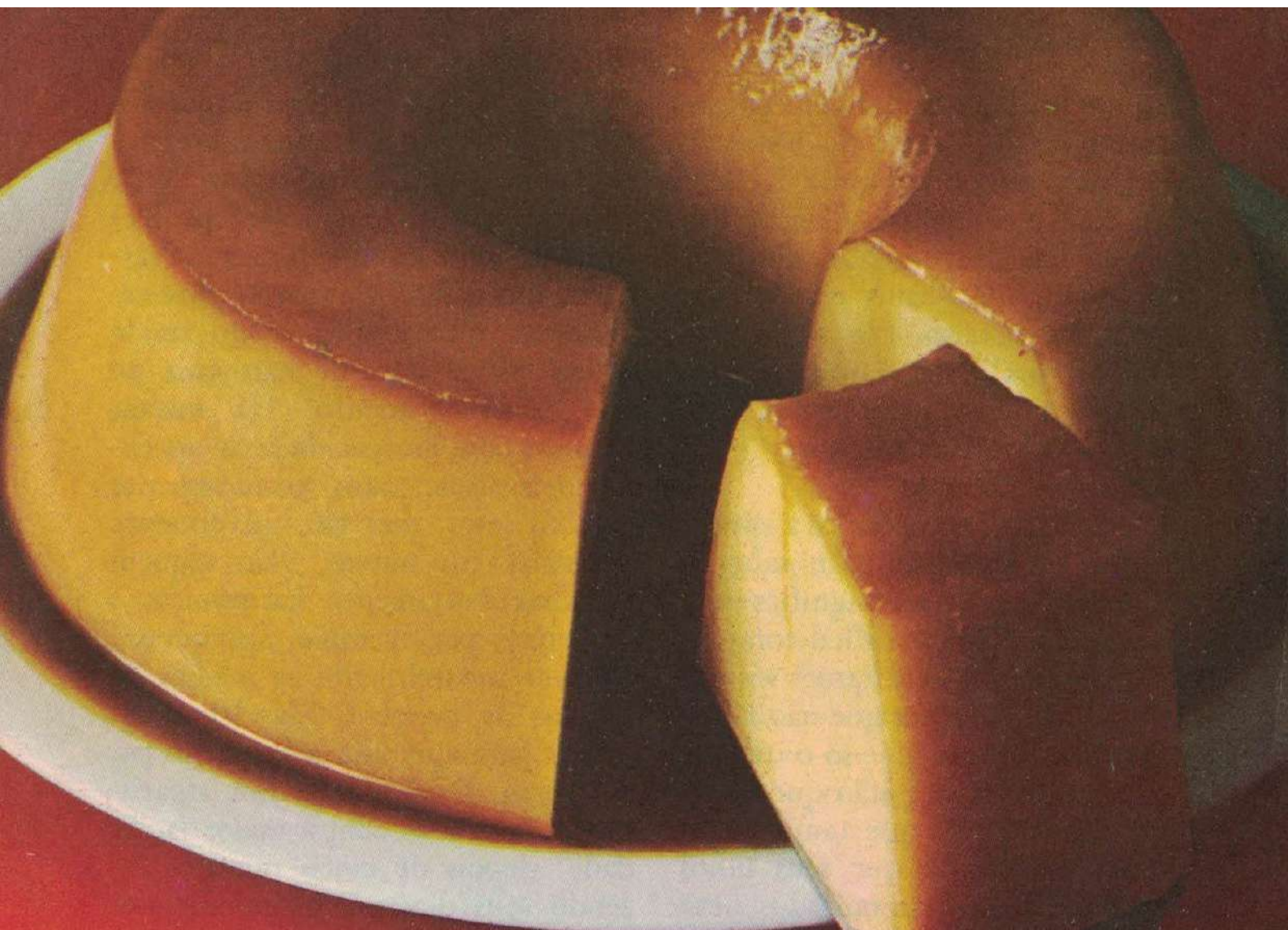
"Jacó reuniu seus filhos e disse a cada um como seria a sua vida, segundo o que ela havia sido no passado. Ninguém me disse como será a minha vida, mas tenho esperanças de uma vida de muitas realizações e de muitas contribuições.

"Às vêzes, porém, esta esperança esmaece-se um pouco. Tal como os filhos de Jacó, eu já pratiquei algumas boas ações, mas tive também alguns problemas. Durante a minha vida, quando começo a me afastar da pessoa boa que sei que posso ser, preciso de alguém para me mostrar qual a coisa certa a fazer. Quando isto acontece, peço conselho e o utilizo por minha conta. Eu queria agradecer a todos os que me ajudaram a ajudar-me a mim mesmo através dos anos.

"Oxalá eu possa agora sair para o mundo independentemente e fazer o possível para satisfazer a mim mesmo e aos outros. Se eu conseguir isso, então minha vida poderá ser considerada uma bênção."



HÁ UMA nova marca de cigarros com tampões para os ouvidos em cada maço: é para os fumantes que não queiram ouvir por que devem deixar de fumar. —Pat Buttram, citado por Mike Connolly, em *The Hollywood Reporter*



Pudim-de-leite de verdade você faz com carinho e Leite Moça

Porque é o pudim-de-leite natural, puro, de sabor inimitável. É o pudim-de-leite que você conhece. E que pode dar aos seus filhos à vontade, sabendo que faz bem. É muitas vezes mais gostoso. Pois foi feito com o seu carinho. Com Leite Moça. Chama-se pudim-de-leite de verdade. Ele mesmo.

**Que idéias gostosas
você tem com Leite Moça**

